

ALGUMAS EVIDÊNCIAS SOBRE AS OCUPAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO

Ana Maria Bianchi

José Pastore

O recente revigoramento dos estudos de mercado de trabalho no Brasil ainda não encontrou contrapartida, à altura da relevância teórica do tema e de suas implicações práticas, no domínio das ocupações. Em particular, são escassos os estudos empíricos sobre mobilidade dentro e entre diferentes ocupações baseados em estatísticas recentes. Embora as mudanças na estrutura ocupacional da sociedade venham sendo bastante pesquisadas, poucos estudos dedicam-se ao trabalho miúdo de focalizar a estrutura ocupacional envolvida em tais mudanças. Desse ângulo específico houve pouco progresso na caracterização de processos de mudança sobre os quais muito se fala.

Com mais intensidade do que em outros momentos da história contemporânea, os postos de trabalho estão em permanente processo de criação, destruição e deslocamento. O acompanhamento das trajetórias individuais entre setores da economia e entre profissões constitui um passo importante para se avaliar adequadamente o que está ocorrendo com o mercado de trabalho brasileiro. Na década de 1950, alguns estudos pioneiros montaram grandes painéis sobre a estrutura ocupacional brasileira. Até hoje, são usados para a classificação dos indivíduos segundo status ocupacional. Nas décadas seguintes, porém, esses estudos não tiveram continuidade.¹ Do ponto de vista do mercado de trabalho como um todo, captado por dados censitários, a estrutura ocupacional brasileira ainda é grandemente desconhecida.

Qual a vantagem dos estudos sobre mercado de trabalho que têm como foco as ocupações? Quando os dados do mercado de trabalho são desagrupados por categorias ocupacionais homogêneas, o que parecia igual mostra-se variável e vice-versa. A introdução desse controle traz à luz do dia tendências que ficavam encobertas no agregado. De forma semelhante, é possível ver que algumas tendências válidas para o conjunto do pessoal ocupado não se aplicam a categorias ocupacionais específicas. Detectar esse tipo de ocorrência é crucial para saber o que vai acontecer no futuro próximo com o mercado de trabalho.

De particular interesse é a contribuição que análises ocupacionais têm a dar no que se refere às mudanças em curso no setor terciário da economia. Trata-se, como é amplamente sabido, de um setor extremamente heterogêneo, integrado por atividades que também não crescem de maneira harmônica. Dentro de cada área, convivem atividades tradicionais com atividades que, senão inteiramente novas, ganharam uma dimensão sem precedentes na paisagem urbana — o vendedor de cachorro quente da esquina, o entregador de comida a domicílio, o lavador de carro, o guardador de rua, o perueiro do serviço de lotação clandestino, e por aí afora. Muitas pesquisas recentes, ao falar genericamente sobre o terciário, apontam para essa diversidade. Poucas ainda, porém, dão um passo a mais e discriminam as várias atividades e funções que o compõem.

Além do interesse teórico pelo tema, suas implicações práticas são claras. Conhecer as trajetórias ocupacionais dos trabalhadores no mercado ajuda a orientar políticas de treinamento profissional e reencaminhamento da mão-de-obra afetada pelo desemprego.

* Do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo.

¹ A exceção é o estudo de Nelson do Valle Silva, *Posição social nas ocupações*, FIBGE, 1974. Não teve, contudo, a mesma difusão das pesquisas anteriores. Destas, destaca-se o de B. Hutchinson e outros, *Mobilidade e trabalho*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

No artigo que se segue², dados da Pesquisa Mensal de Emprego de 1996 sofrerão um tratamento basicamente descritivo. A pretensão dos autores é pequena. Trata-se apenas de um primeiro passo na caracterização da estrutura ocupacional das regiões metropolitanas, essencial para abrir o caminho para trabalhos de maior envergadura teórica.

Na primeira sessão, relataremos os procedimentos adotados no tratamento dos dados empíricos da PME. A sessão seguinte será dedicada à análise dos resultados empíricos relativos às famílias de ocupação montadas segundo tais procedimentos, em termos de suas características gerais de gênero, escolaridade e situação de trabalho. A terceira sessão focalizará o trânsito recente do pessoal ocupado no mercado de trabalho, em termos agregados, movimento que será desdobrado em famílias de ocupação na quarta e última sessão do artigo. Para empreender tal análise, comparamos a ocupação do indivíduo em 1991 com sua ocupação em 1996.

Tratamento dos Dados

Para atender aos objetivos acima enunciados, os dados relativos à ocupação do pessoal ocupado das regiões metropolitanas foram submetidos a um tratamento que seguiu os seguintes passos:

- (i) Tomamos as categorias da variável 'ocupação na semana' definidas pela FIBGE e calculamos a frequência de cada uma delas, para determinar as ocupações mais representativas do mercado de trabalho metropolitano.
- (ii) Quando o número de integrantes da categoria era 90 ou mais, suficiente, portanto, para permitir futuras desagregações, preservamos as denominações da PME;
- (iii) Quando isso não acontecia, dois procedimentos alternativos eram possíveis:
 - a) abandonar a categoria em análise;
 - b) reagrupá-la com outras categorias ocupacionais com as quais tivesse afinidade, com o objetivo de definir o que denominamos de 'famílias de ocupação'.

Esse último procedimento permitiu a montagem de 24 (vinte e quatro) famílias de ocupação constituídas pela junção de ocupações isoladas, conforme exposto no quadro apresentado em apêndice. Somadas essas categorias àquelas selecionadas em (i), totalizamos 61 (sessenta e uma) famílias de ocupação representativas da estrutura ocupacional das grandes metrópoles brasileiras. A amostra assim reformulada é integrada por um total de 21.511 entrevistados, com idade de 20 anos ou mais.³

A dificuldade de lidar com as categorias predefinidas no questionário da PME é, em si mesma, sintomática das grandes transformações ocorridas na estrutura ocupacional brasileira durante os últimos anos. Embora essencial para que a informação seja coletada com fidelidade, as categorias funcionam às vezes como uma camisa-de-força para a análise das mudanças. O entrevistador não dispõe de um questionário estruturado para captá-las — aliás, nem deveria dispor, pois a função dos códigos predefinidos é justamente dar estabilidade à informação obtida. Pelo menos dois problemas sérios devem ser minimizados na entrevista: a diversidade de designações regionais para uma mesma ocupação e, na medida do possível, as mudanças de terminologia impostas pelo tempo.

Esse segundo ponto merece ser melhor debatido. De um lado, observamos que a codificação da PME para a variável 'ocupação na semana' é extremamente detalhada no que se refere às ocupações industriais. Há 12 códigos diferentes para designar as

² Para um relato mais completo da pesquisa, v. Ana Maria Bianchi e José Pastore, *A dinâmica das ocupações no Brasil (Reflexos sobre expectativas e mobilidade social)*. Brasília, GAP, 1997, 81 p.

³ Este número varia ao longo do texto em função de diferenças no número de respostas válidas em cada variável analisada.

ocupações da indústria têxtil, 19 códigos para as ocupações da indústria metal-mecânica, 10 códigos para a indústria de madeira e móveis e assim por diante. Para alguns desses códigos encontramos um número muito reduzido de respostas no questionário, o que quer dizer que poucos indivíduos abrangidos pela pesquisa exerciam essas ocupações.

Se a codificação da variável 'ocupação na semana' da PME é excessivamente detalhada para as ocupações industriais, ela é, ao contrário, bastante genérica no que se refere às ocupações do setor terciário. Seria possível alcançar uma discriminação maior para as atividades típicas do setor, a exemplo do que ocorre na indústria de transformação? Mais do que possível, seria esse detalhamento desejável, conveniente para retratar a realidade atual do mercado de trabalho metropolitano?

À primeira vista, a resposta a ambas as questões é 'não'. As atividades do comércio e dos serviços não parecem comportar uma discriminação de funções comparável à da indústria de transformação, tradicionalmente organizada em moldes fordistas. Quando olhamos os dados numa perspectiva longitudinal, ocupações como urdideiro, laminador ou operador de máquina de marcenaria perdem terreno, ao mesmo tempo que ganham importância os 'comerciantes por conta própria', 'vendedores no comércio', 'contadores', 'auxiliares de escritório' e 'assistentes administrativos'. Esta última designa um vasto conjunto de habilidades, típico de um mercado de trabalho que requer profissionais polivalentes, ágeis para incorporar mudanças tecnológicas e preparados para deslocar-se entre empregos de diferentes setores da economia.

Outro cuidado a ser tomado com o sistema de codificação da PME é que suas categorias não se prestam totalmente, pelo menos de forma isolada, a detectar a emergência de novas ocupações no mercado de trabalho. Em que medida o desenvolvimento dos serviços de comunicação induz ao aumento de demanda por técnicos de fibras óticas ou de instaladores de televisões a cabo? Um amplo *survey* do mercado de trabalho, como a PME, não é adequado para responder essa pergunta. O que temos aqui — e não é pouco — são algumas pistas capazes de pavimentar o caminho de futuras pesquisas.

Sabemos que, como os seres vivos, as profissões envelhecem e morrem. Indivíduos que há vinte anos atrás trabalhavam como perfuradores de cartão ou operadores de máquinas copiadoras tornaram-se obsoletos com a transformação tecnológica do sistema produtivo. Com formação escolar precária e carentes das habilidades mínimas necessárias para adaptar-se a novas funções, muitos indivíduos que trabalhavam nessas ocupações engrossam, hoje, o contingente de 'inempregáveis' demitidos pela indústria de transformação. Um desafio comparável é enfrentado por operadores de computadores de grande porte, substituídos, nas últimas décadas, por microcomputadores de uso pessoal. No setor público, escriturários e estafetas são funções em processo de extinção. Ainda na indústria de transformação, à medida que o trabalhador assume maior responsabilidade sobre o processo produtivo, ocupações como 'inspetor de qualidade' tendem a ver seu papel restringido.

Embora muitas das atividades do setor de serviços ainda empreguem tecnologias intensivas em trabalho, a adoção de tecnologias mais avançadas em algumas de suas áreas, que se vem espalhando a passos largos, propiciou a emergência de novas modalidades de ocupação, para as quais não existe ainda um número suficiente de profissionais habilitados. Serviços de telecomunicações, diversão, radiodifusão e televisão, por exemplo, favorecidos pelo aumento da densidade demográfica das regiões metropolitanas e pelo aumento dos padrões de consumo da classe média, criam oportunidades de emprego que beneficiam principalmente os jovens devidamente qualificados.

Ainda sobre novas e velhas ocupações, é preciso fazer um alerta a respeito de ocupações que conservaram o mesmo rótulo mas sofreram uma mudança radical na natureza do trabalho exercido por seus ocupantes. Este pode ser o caso das secretárias, por exemplo, que gradualmente afastaram-se de funções como datilografar textos ou servir café para atuar mais como assistentes administrativas da diretoria. O mesmo

raciocínio pode ser estendido aos mecânicos: o mecânico à moda antiga, que baseava seu trabalho em qualidades como força muscular, experiência prática e conhecimentos elementares de mecânica, teve seu espaço invadido pelo profissional com melhor preparo educacional, mais equipado para enfrentar as inovações microeletrônicas. Seu concorrente potencial é um técnico com 2º grau completo, capaz de ler instruções em inglês e disposto a responsabilizar-se pessoalmente pela qualidade do produto final.

Na caracterização geral das famílias de ocupação selecionadas, que faremos em seguida, esses aspectos serão considerados. Convém frisar que, em vista do pioneirismo da análise, todo o cuidado é pouco na interpretação dos resultados. Estamos presenciando mudanças cujo sentido e direção não são auto-evidentes.

As Famílias de Ocupação

Em termos das características gerais das famílias de ocupação investigadas, o primeiro item importante diz respeito à distribuição da amostra segundo gênero (Tabela 1) Nota-se a presença de ocupações que ainda são domínio exclusivo ou praticamente exclusivo dos homens, como é o caso de boa parte das ocupações da indústria de transformação e da construção civil. São ocupações manuais, em sua maioria, que requerem qualificação de nível ginásial, no máximo. Abrangem: almoxarifes e armazenistas, eletricitas de instalação, expedidores e conferencistas de materiais, mestres, contramestres e técnicos, soldadores, torneiros mecânicos, ferreiros e serralheiros, pedreiros, serventes de pedreiro, encanadores e carpinteiros.

São também tipicamente masculinas algumas ocupações dos outros setores da economia: motoristas, oficiais e praças, porteiros, trocadores, representantes de vendas, vigias, garçons, contínuos e trabalhadores braçais em geral. Os homens são ainda a grande maioria da população que ocupa funções empresariais na indústria, bem como entre os engenheiros.

Há um segundo grupo de ocupações em que a presença masculina é majoritária, mas não tão marcante como no primeiro grupo. É o caso dos administradores de empresas nos vários ramos de atividade, mas também dos analistas e programadores, advogados, comerciantes, comerciantes por conta própria, contadores, administradores de hotéis, chefes e encarregados de serviços administrativos nas empresas e trabalhadores da indústria de borracha.

Em contrapartida, há profissões tipicamente femininas: costureiros, empregados domésticos, enfermeiros, manicures, professores de 1º grau, secretárias e recepcionistas. Ao lado destas, tradicionalmente exercidas por mulheres, existem ocupações em que as mulheres já se encontram em maior número do que os homens: assistentes administrativos, atendentes de bares e lanchonetes, auxiliares de escritório, cozinheiros, ocupações de cuidados pessoais, pagadores e caixas, professores de 2º grau, cabelereiros e serventes.

Talvez o resultado mais notável, nesse aspecto, seja a incidência de ocupações 'mistas', entendendo-se como tal aquelas que têm de 40% a 60% de mulheres. Um exemplo expressivo é a profissão médica. De uma atividade quase proibida para mulheres, nas primeiras décadas do século XX, tornou-se hoje uma profissão onde as mulheres são tão numerosas quanto os homens, pelo menos nas regiões metropolitanas. Não há registro de movimentos na direção inversa, ou seja, profissões tipicamente femininas progressivamente invadidas pelos homens.

Além dos médicos, há ocupações mistas na indústria de transformação, tais como embaladores de mercadorias e operadores de máquinas de processamento de dados; no comércio, as mulheres constituem uma parcela numerosa dos atendentes de bares e lanchonetes, vendedores em geral e vendedores ambulantes; no setor público, já são maioria nas funções de direção, chefia e assessoramento.

Cabe assinalar que os resultados aqui encontrados reforçam a conclusão de estudos recentes sobre o mercado de trabalho, que mostram que as mulheres estão hoje

praticamente em todos os setores de atividade, exercendo um sem-número de ocupações. Há um nítido contraste com a situação vigente no período em que a população feminina ingressou em massa na força de trabalho. Nesse primeiro momento, elas costumavam concentrar-se em certos nichos que lhes serviam de refúgio, compreendendo um número reduzido de ocupações mal remuneradas e em geral pouco exigentes em matéria de qualificação: empregadas domésticas, costureiras e auxiliares de costura, auxiliares de enfermagem, professoras primárias.

Os resultados da Tabela 2 apresentam a distribuição das famílias de ocupação selecionadas segundo o nível educacional de seus integrantes. Essa informação é completada na Tabela 3, onde diferentes estatísticas descritivas sintetizam o nível de escolaridade das 62 famílias de ocupação selecionadas. Para cada uma delas, o preparo escolar requerido para o exercício de suas atividades pode ser bem aquilatado pelo valor modal.

A primeira observação pertinente diz respeito às ocupações exercidas por analfabetos. Embora em pequeno número, as categorias nas quais os analfabetos ainda representam uma parcela significativa da amostra merecem menção, pois, como sabemos, é entre os mesmos que o problema da 'empregabilidade' do trabalhador se torna mais severo. Assim, um em cada quatro empregados domésticos⁴ são analfabetos; e um em cada cinco serventes de prédio também o são. Além destas duas ocupações, há uma incidência significativa de analfabetos entre os trabalhadores braçais, carpinteiros, pedreiros e serventes de pedreiro. É interessante notar que o trânsito de pessoal ocupado para essas categorias foi comparativamente intenso, entre 1991 e 1996. Isso sugere que serviram de refúgio para uma mão-de-obra pouco qualificada, sujeita ao desemprego e a uma grande rotatividade de emprego.

A despeito do aumento da escolaridade média da população nas últimas décadas, ainda são numerosas as ocupações exercidas predominantemente por indivíduos que têm apenas o curso primário: cozinheiros, pintores, porteiros e serventes de prédio, pedreiros e serventes de pedreiro, empregadas domésticas e trabalhadores braçais. Um segundo conjunto pode ser montado a partir das ocupações tipicamente exercidas por indivíduos com diploma ginasial: almoxarifes e armazenistas, expedidores e conferentes, torneiros mecânicos, reparadores de equipamentos eletro-eletrônicos, trabalhadores de cuidados pessoais, mestres, contramestres e técnicos industriais. São numerosas as ocupações que abrigam preferencialmente indivíduos com diploma colegial: empresários da indústria de transformação, chefes e encarregados de serviços administrativos das empresas, pagadores e caixas, operadores de máquinas de processamento de dados, secretárias, recepcionistas, administradores na indústria e no comércio, comerciantes empregadores, assistentes administrativos, auxiliares de escritório, representantes de vendas, oficiais e praças.

No outro extremo da distribuição, há ocupações com clara predominância de indivíduos com curso superior completo. Em algumas, esse resultado não surpreende, pois o exercício profissional requer formação universitária. É o caso dos advogados, engenheiros, médicos e professores de 2º grau. Em outras ocupações observamos também o predomínio de profissionais com curso superior, embora essa formação não seja formalmente exigida para o exercício profissional. São elas: contadores (62% fizeram faculdade), analistas e programadores (60%), indivíduos em posições de direção e chefia no setor público (59%), administradores e gerentes de hotéis e outros de servi-

⁴ Trata-se da ocupação que a PME rotula de 'empregados domésticos não especializados', a que agregamos as arrumadeiras. Fora estas, existem as diaristas no serviço doméstico, que abrangem as faxineiras, lavadeiras e passadeiras; e as ocupações de maior especialização, como cozinheiras, babás, governantas e mordomos. Estas últimas são rotuladas como 'empregados domésticos especializados', mas foram eliminados de nossa análise porque seu número era inferior ao mínimo estipulado na seleção das famílias ocupacionais.

ços e assistentes administrativos (53% cada). Cabe mencionar também a presença de trabalhadores com formação universitária no exercício de ocupações tipicamente manuais: cerca de 10% dos mestres da indústria terminaram a faculdade, e outros 8% chegaram a frequentá-la.

A significativa expansão que a escola formal teve no Brasil, nas últimas décadas, não nos deve iludir quanto ao atendimento das necessidades sociais nessa área. Tem-se dito e mostrado empiricamente que, depois de um longo período de negligência, a educação virou prioridade social. A população brasileira, mesmo a mais pobre, está convencida da necessidade de manter seus filhos na escola durante um período de tempo maior, senão para ascender socialmente, pelo menos para conseguir transitar no mercado de trabalho. Mas os níveis médios de escolaridade da população ainda deixam muito a desejar, mesmo do ponto de vista puramente quantitativo. Ficam aquém de países asiáticos como a Coreia do Sul, Taiwan ou Cingapura, e são baixos mesmos quando comparados a outros países da América Latina. Enquanto as oportunidades de ganho nos serviços, no comércio ou na construção civil são razoáveis, trabalhadores com pouca escolaridade mas muito empenho e sagacidade nos negócios têm conseguido ganhos extraordinários. Passado esse primeiro momento dos empresários inovadores, porém, a um ritmo constante de crescimento do emprego, as condições de acesso a essas atividades tenderão a tornar-se mais restritivas.

Inserção no Mercado de Trabalho

Examinaremos nesta sessão a forma de inserção no mercado das famílias de ocupação selecionadas, a partir da combinação de duas variáveis, posição na ocupação e registro em carteira de trabalho.

No tocante ao registro em carteira, observamos nas Tabelas 4 e 5 que parte das famílias de ocupação definidas integra o setor formal da economia. Incluem-se nesse segmento a maioria das ocupações da indústria de transformação e muitas ocupações não manuais, de níveis variados de qualificação. O elo entre os dois grupos é o predomínio do trabalho assalariado, associado a sua condição de empregados nas empresas a que se vinculam. Nas seguintes ocupações mais de 2/3 dos indivíduos são empregados e trabalham com carteira assinada: trabalhadores das indústrias de borracha e de calçados, torneiros mecânicos, soldadores, mestres e contramestres, expedidores e conferentes, almoxarifes e armazenistas, embaladores de mercadorias, no conjunto formado pelas ocupações industriais; administradores de empresas em geral, na indústria, no comércio e nos serviços; pagadores e caixas, chefes e encarregados administrativos das empresas, recepcionistas, secretárias, operadores de máquinas de processamento de dados, analistas e programadores e auxiliares de escritório, dentre as outras ocupações não manuais; nos demais grupos, porteiros, contínuos, serventes de prédio e trocadores de ônibus. Entre os vendedores no comércio, 70% trabalham com carteira assinada, a mesma proporção valendo para os engenheiros.

Em outras categorias, a participação de trabalhadores com carteira assinada fica abaixo desse nível, oscilando entre 50% e 68% do total da categoria. É o caso de garçons, enfermeiros não diplomados, cozinheiros, reparadores eletro-eletrônicos, trabalhadores braçais, contadores, motoristas, atendentes de bares e lanchonetes, encanadores, carpinteiros e empregados domésticos.

Seria preciso um estudo mais pormenorizado para encontrar o elo comum às ocupações desse segundo grupo. A lista é extensa e a variação é grande entre e dentro das categorias, que têm em comum o fato de contarem com uma parcela expressiva de indivíduos na posição de empregados, sem excluírem de todo a existência de autônomos. Outra característica é que as ocupações mencionadas abrigam, via de regra, profissionais que não estão vinculados a uma única área de atividade. Os contadores, por exemplo, tendem a ter registro em carteira quando trabalham em funções assalariadas, e a deixar de tê-lo quando trabalham como autônomos.

Em algumas ocupações, a incidência de indivíduos com carteira de trabalho assinada não chega a metade do total de indivíduos na ocupação. Estão próximo desse limite os eletricitas de instalações (49% dos quais têm carteira assinada), mecânicos (48%), trabalhadores em serviços de cuidados pessoais (47%) e professores de 2º grau (45%). Mais abaixo situam-se os assistentes administrativos (40%), professores de 1º grau (34%), serventes de pedreiro (34%) e médicos (34%). Com menos de 1/3 do pessoal ocupado tendo registro em carteira há as seguintes famílias de ocupação: representantes de vendas (32% dos quais são registrados), marceneiros (30%), alfaiates e costureiros (26%), pedreiros (17%), advogados (17%) e pintores e caiadores (14%).

Muitas das ocupações acima caracterizam-se, como vimos, pela presença simultânea de profissionais assalariados e autônomos prestadores de serviços. Em situações isoladas, como a dos assistentes administrativos, abrigam-se sob o rótulo três conjuntos de trabalhadores: profissionais do setor público, assalariados de empresas privadas e prestadores de serviços. É importante observar a parcela relativamente alta de professores sem registro em carteira, embora se trate de uma categoria tipicamente assalariada.⁵

Os maiores níveis de informalidade incidem, como seria de se esperar, em profissões típicas do setor terciário: feirantes e outros ambulantes (93% dos quais não têm registro em carteira), manicures (80%) e diaristas no serviço doméstico (84%). Há dois aspectos a ressaltar, aqui: enquanto no último grupo a maioria são a totalidade dos trabalhadores são assalariados, a condição de assalariamento é rara entre os vendedores ambulantes. Em segundo lugar, são ocupações com forte presença feminina.

O Trânsito no Mercado de Trabalho

Feita essa caracterização preliminar das diferentes famílias de ocupação, podemos passar agora ao estudo do trânsito do pessoal ocupado no mercado de trabalho. Para tanto, focalizaremos os dados relativos à ocupação do indivíduo em dois pontos do tempo, 1991 e 1996. Numa primeira etapa, analisaremos o conjunto das informações, antes de desagregá-las por famílias de ocupação, que será feito na sessão seguinte.

Uma tendência interessante, acusada pelos dados da PME é a diminuição do total de trabalhadores ocupados como 'empregados', em todos os ramos da economia, exibida na Tabela 6. Os dados não deixam dúvida de que os trabalhadores das regiões metropolitanas testemunham mudanças profundas na estrutura ocupacional da sociedade, com as quais precisam aprender a conviver, gostem ou não de seus efeitos. A globalização da economia e a necessidade de ganhar competitividade externa exercem um impacto acelerado sobre o emprego, na direção preconizada pela teoria econômica. O mercado de trabalho é assim diretamente afetado pelo processo contemporâneo de 'abertura dos portos', que promove a revisão dos vínculos entre trabalhadores e patrões, entre o indivíduo e o trabalho do qual extrai seu sustento.

No conjunto da amostra, a participação dos empregados no pessoal ocupado caiu 11% em apenas cinco anos. Simultaneamente, houve uma expansão da ordem de 49% de participação de empregadores e de 35% de trabalhadores por conta própria. Estes passam a representar, ao final do período, mais de 1/4 do pessoal ocupado, enquanto os empregadores passam a corresponder a 5% do mesmo total. Embora os empregadores representem ainda uma pequena parcela do pessoal ocupado, mas sua importância tendeu a aumentar no período analisado.

O caso dos empregados é exemplar para o esforço de compreender melhor o sentido das transformações em curso. Em 1991, 78% do pessoal ocupado nas regiões

⁵ O caso dos professores é atípico. Como se sabe, há um grande número de professores que trabalham no setor público, principalmente estadual e municipal. Para estes, não cabe a informação sobre registro em carteira de trabalho, quando são servidores públicos.

metropolitanas brasileiras eram empregados. Cinco anos mais tarde, esse contingente passou a representar 69% do total. A construção civil, o comércio e os serviços foram, em ordem decrescente, os setores em que a diminuição do número de trabalhadores na posição de empregados foi mais forte. A diminuição da parcela de empregados reflete o impacto da reestruturação do sistema produtivo, que reage a um conjunto de fatores, entre os quais a rigidez das leis trabalhistas. Ao mesmo tempo em que diminui a participação de trabalhadores empregados, cresce a participação daqueles ocupados como conta próprias, sobre os quais não pesam encargos sociais, ou mesmo como empregadores e mão-de-obra familiar não remunerada.

Os resultados encontrados são sintomáticos de uma economia que, ao preparar-se para competir externamente, revê sua estrutura de emprego e as normas que tradicionalmente regeram suas relações de trabalho. Em última análise, revelam a força dos fatos, que se impõem às normas e se instituem apesar delas. A grande massa de indivíduos que enfrenta pela primeira vez o trabalho por conta própria, ou mesmo a condição de empregador, percebe nos mesmos um somatório de efeitos positivos (autonomia decisória ou expectativa de ganhos mais elevados, por exemplo) com negativos (insegurança decorrente de um emprego não estável, instabilidade do fluxo de renda etc.).

Os dados da Tabela 7 mostram as várias combinações possíveis no trânsito do pessoal ocupado entre 1991 e 1996. A categoria dos empregados é de longe a mais estável — 92% dos empregados de 1996 já se encontravam nessa situação cinco anos antes. No outro extremo, a maior mobilidade aparece entre os empregadores — apenas 35% dos empregadores de 1996 usufruíam dessa condição em 1991. Além desses dois movimentos, sobressai a expressiva parcela de conta próprias que foram empregados (49%). Há também empregadores que em 1991 eram conta próprias (33%) ou empregados (31%); empregados que trabalhavam como conta próprias (7% do total) ou mesmo empregadores (1%); conta próprias que eram empregadores (3%); e assim por diante, a sinalizar o reflexo sobre o mercado de trabalho do vai-e-vem das transformações econômicas e sociais do período.

Aqui se encontra um reflexo importante da complexidade das mudanças que afetam o mercado de trabalho no período mais recente. Embora a perda da posição de empregado e a informalização das relações de emprego predominem, não se pode dizer que este seja o sentido obrigatório das transformações em curso. Ao lado do trabalhador metalúrgico que é demitido e passa a trabalhar como conta própria no comércio ou nos serviços, há o dono de um pequeno negócio que não pode mais arcar com o custo de seus empregados e passa a trabalhar como autônomo, sozinho ou apenas com ajuda da família. Ao lado do empregador que perde esta condição, não são raros os episódios de empregados ou conta próprias que viram empregadores. Tudo isso sinaliza para um quadro bem complexo, cujos problemas requerem soluções adequadas a tal diversidade.

O estudo dos aspectos referentes à informalização do mercado de trabalho requer ainda a análise das relações de emprego definidas a partir de registro do trabalhador na carteira de trabalho. Com o intuito de aprimorar a qualidade da análise, restringimos a amostra aos indivíduos que trabalhavam como empregados, nos dois pontos de tempo focalizados. Os resultados agregados são expostos na Tabela 8.

O primeiro resultado que salta aos olhos, desse prisma, é a crescente informalização das relações de trabalho no período considerado. Além de uma parcela crescente dos trabalhadores dos diferentes ramos e áreas de atividade ter deixado de trabalhar como empregado, como vimos há pouco, a participação dos indivíduos com carteira de trabalho assinada diminui em praticamente todas as áreas. No conjunto da amostra, no início do período em estudo cerca de 78% dos empregados eram formalmente registrados; no final do mesmo período, essa porcentagem reduz-se para 68%, o que representa uma queda de 13%.

Vale aqui reiterar que, embora estejamos focalizando o trânsito de pessoal ocupado em várias posições, e não os níveis de emprego em cada uma delas, as tendências apontam na mesma direção. Um dos resultados do movimento delineado é que ele força

o desenvolvimento de novas instituições, como aquelas voltadas para o seguro privado, pelas quais se procura compensar o número crescente de trabalhadores que são postos à margem do sistema público de seguridade social.

O que representam esses resultados, do ponto de vista da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas? Sem dúvida, uma evidência da informalização dos vínculos de emprego, aquilo que alguns analistas chamam de 'precarização' das relações trabalhistas. Trata-se de um fenômeno muito comentado, amplamente reconhecido, mas sobre o qual ainda pouco se sabe.

O trânsito entre famílias de ocupação

Examinaremos nesta sessão o trânsito, dentro do mercado de trabalho, do pessoal ocupado das regiões metropolitanas, entre dois pontos do tempo, 1991 e 1996.

É importante reiterar que não estamos falando de criação e destruição de empregos. Nosso foco incide sobre o fluxo de trabalhadores no mercado de trabalho de um ponto de origem, em 1991, a um ponto de destino, cinco anos mais tarde. Para usar uma imagem, é como se tivéssemos em mãos dois baralhos, um que representa o pessoal ocupado em 1996, e o outro referente à inserção no mercado de trabalho desses indivíduos cinco anos antes. As cartas de 1996 incluem, como seria de se esperar, os jovens que passaram a fazer parte do pessoal ocupado no período de cinco anos focalizado. Deixam de lado, por outro lado, aqueles que saíram do mercado de trabalho no mesmo período. Nossa preocupação, aqui, é justamente estudar esse processo de embaralhamento do pessoal ocupado, tema que é muito comentado mas até aqui pouco rastreado.

Uma primeira olhada nas tabelas desagregadas por famílias de ocupação não traz muitas surpresas. De uma maneira geral, nota-se o trânsito do pessoal ocupado em direção a ocupações ligadas a atividades típicas das grandes metrópoles. Em núcleos urbanos densamente povoados, cujos moradores estão sujeitos à violência, à dificuldade de deslocamento entre o local de trabalho e a casa, e a outras disfunções decorrentes da alta concentração populacional, é natural que cresça a demanda por serviços e por certos setores do comércio de mercadorias. Mais gente come fora de casa, mais pessoas demandam serviços de transporte, é preciso pagar ao guardador de rua que se oferece para tomar conta do automóvel, enfim, o trabalhador é crescentemente um consumidor de serviços. Ao efeito da metropolização propriamente dito soma-se a presença crescente da classe média na população metropolitana brasileira, e o impacto que isso representa do ponto de vista do estilo de vida das pessoas.

Quando analisamos o trânsito entre diferentes famílias de ocupação, uma primeira constatação surpreende: das 61 categorias ocupacionais, aquela que recebeu um afluxo mais significativo de pessoal ocupado, entre 1991 e 1996, é a dos empresários da construção civil. No final do quinquênio, o total de trabalhadores absorvido nessa atividade havia crescido 164%! Além desta, os fluxos de trânsito mais acentuados se dirigiram para trabalhadores braçais (85% de deslocamento), empresários da indústria de transformação (73%) e ocupações de cuidados pessoais (69%).⁶ Num patamar inferior de crescimento situam-se, em ordem decrescente: comerciantes; diaristas no serviço doméstico; representantes de vendas; administradores de hotéis e outros serviços; e comerciantes por conta própria. Tais ocupações receberam um volume de trânsito variável entre 54% e 31%.

Há claramente, no rol apresentado, ocupações cuja demanda é estimulada pelo crescimento da classe média e pelas mudanças nos padrões de consumo decorrentes do mesmo. É significativo o fato de boa parte das ocupações acima relacionadas estarem

⁶ As ocupações de cuidados pessoais são classificadas pelo IBGE na categoria "outras ocupações, ocupações mal definidas ou não declaradas".

ligadas ao comércio de mercadorias. Às três já mencionadas podemos acrescentar os vendedores ambulantes, categoria que cresceu 18% no período. O trânsito na direção dos comerciantes empregadores, comerciantes por conta própria, representantes de vendas e vendedores ambulantes foi aparentemente viabilizado, do lado da demanda, pelo afluxo de consumidores emergentes, que incorporaram a seu dia-a-dia novos hábitos de consumo, de alimentos semi-elaborados a toca discos a *laser*.

Mudanças associadas à transição demográfica e à composição familiar também afetam diretamente o mercado de trabalho. Nas últimas décadas, tem-se notado a importância crescente da mulher na composição do orçamento doméstico e, associado à mesma, o crescimento dos domicílios administrados por apenas um dos pais, bem como. Os dois fatores acentuam a necessidade de contratação de serviços externos para os cuidados do lar e das crianças. Podem explicar, portanto, porque as empregadas domésticas diaristas integram o rol das famílias de ocupação cuja participação na absorção do emprego mais cresceu no período.

A categoria dos trabalhadores braçais cresceu não apenas em termos quantitativos como também em termos de sua participação relativa no pessoal ocupado das regiões metropolitanas. Esse fenômeno requer um exame mais minucioso, pois, à primeira vista, contraria o que seria de se esperar de uma economia cuja estrutura produtiva vive um acentuado processo de modernização. Além desta, algumas das ocupações que registram crescimento positivo no período designam profissões tradicionais, que em princípio não requerem do trabalhador grande preparo educacional. São elas: empregadas domésticas, manicures, serventes de pedreiro e os próprios vendedores ambulantes. Não são, como poderíamos esperar inicialmente, ocupações novas, nem associadas a mudanças tecnológicas.

A concentração da população nas grandes metrópoles desencadeia ainda, como é sabido, um processo de verticalização dos espaços urbanos. Cresce a parcela da população que mora em prédios de apartamento e trabalha em prédios comerciais, e isso pressiona o setor de construção civil, acirrando o déficit habitacional. Vimos anteriormente que um dos ramos para os quais houve trânsito de pessoal ocupado, no último quinquênio, foi a construção civil. O trânsito de pessoal ocupado ocorreu também em direção aos empresários do setor, como vimos, e dos eletricitas, pedreiros e serventes de pedreiro.

O pouco que sabemos sobre esse tipo de dados não nos permite alçar grandes voos. O que é curioso, para dizer o mínimo, é que o deslocamento de pessoal ocupado tenha ocorrido justamente na direção de ocupações tradicionais, exercidas por indivíduos com baixos níveis de escolaridade formal, como poderemos observar mais adiante na tabela. Muitas dessas ocupações são de natureza manual: empregadas domésticas, serventes de pedreiro, pedreiros, eletricitas. Aparentemente, o trabalhador com pouca instrução formal que deseja permanecer empregado deve sujeitar-se a tarefas menos "nobres", socialmente desvalorizadas, associadas ao trabalho manual. Quem não aceita esse tipo de trabalho corre sérios riscos de ficar desempregado.

Dentre as ocupações de nível superior, duas apresentaram trânsito positivo de trabalhadores: os advogados (22% de deslocamento) e os contadores (21%). Cabe aqui contrastar duas famílias de ocupação que exigem formação universitária, os advogados e os engenheiros. Enquanto a parcela do pessoal ocupado como advogado cresceu em termos absolutos e como porcentagem do pessoal ocupado, o contingente de engenheiros enxugou-se quase 10% em cinco anos. Essa diminuição não surpreende, tendo em vista o comportamento da indústria de transformação, que perdeu sua tradicional posição de empregadora de engenheiros.

Um dos resultados mais claros de nossa pesquisa é o aumento do número e da proporção de trabalhadores que gerem seu próprio negócio, no comércio, nos serviços e na construção civil. Podemos agora apreciar esse resultado discriminado por famílias de ocupação. Em apenas cinco anos, uma parcela razoável do pessoal ocupado migrou para ocupações como: empresários da construção civil, comerciantes, comerci-

antes por conta própria, vendedores ambulantes, representantes de vendas. O fluxo incidia também sobre os empresários da indústria de transformação, embora a área de atividade correspondente tenha encolhido no período, como vimos no capítulo anterior.

Tais resultados apontam para uma redução no tamanho médio das empresas industriais. Sugerem, por exemplo, que o empresário da construção civil de 1996 pode ter sido um pedreiro melhor qualificado, em 1991, que conseguiu estabelecer-se no período. Observa-se aqui a importância do setor de construção civil, não só na geração de empregos para a mão-de-obra de baixa qualificação como também no sentido de favorecer processos de ascensão social.

É interessante analisar a mudança de significado que o trabalho por conta própria parece ter sofrido nas últimas décadas. Há cerca de 30 anos, quando se completava no Brasil o processo de substituição de importações, estabelecer-se por conta própria era o sonho de médio prazo de todo o profissional liberal.⁷ Ao olhar para o futuro, o jovem universitário que se preparava para ingressar no mercado via no emprego por conta própria a possibilidade de realização profissional. Este era o grande sonho, que eventualmente comportava um ponto de parada intermediário: depois de uma temporada trabalhando como empregado de uma empresa de grande porte, o trabalhador acumularia experiência e capital suficientes para atender sua ambição profissional. (Curiosamente, esse sonho unia o jovem universitário recém saído da escola superior ao mais humilde trabalhador agrícola, que enxergava na possibilidade de explorar seu próprio pedaço de terra a perspectiva de ascensão social.) Entre o sonho e a realidade, porém, havia um hiato que os futuros profissionais já naquele momento conseguiam perceber. Muitos jovens universitários pressentiam que talvez permanecessem em seu ponto "de parada" mais tempo do que gostariam, ou mais tempo do que seus colegas mais velhos gastaram.

Passadas quase três décadas, o trabalho por conta própria tem uma nova feição. Ele passou a ser uma alternativa de emprego bastante comum, não só para os egressos da universidade, como também para um sem-número de outros trabalhadores, com idade, formação escolar e experiência de trabalho diferenciadas. O jovem que enfrenta pela primeira vez o mercado de trabalho, o trabalhador de meia idade que perdeu seu emprego no setor organizado da economia, o aposentado que precisa complementar sua renda, encontram no trabalho autônomo uma alternativa atraente. Mesmo que não o seja, é a oportunidade a sua frente, da qual devem extrair o maior benefício possível. Ora, a nova condição requer um perfil profissional específico, e exige habilidades de gestão que muitos daqueles que durante boa parte de sua vida se prepararam para exercer um trabalho assalariado, sob as ordens de um patrão ou supervisor, não têm.

No outro extremo, dentre as ocupações que sofreram maiores baixas, em termos do pessoal ocupado que absorviam ao final do período estudado, destacam-se ocupações tradicionais da indústria de transformação: encanadores, engenheiros, trabalhadores na fabricação de calçados, soldadores, almoxarifes e armazenistas, expedidores e conferentes de materiais, carpinteiros, mestres, contramestres e técnicos industriais e reparadores de equipamentos eletro-eletrônicos. Também diminuiu o fluxo de trânsito para ocupações como assistentes administrativos, chefes e encarregados de serviços administrativos nas empresas, e pagadores e caixas no comércio, que acusam quedas variáveis entre 25% e 44%. No setor público, os diretores e chefes tiveram perda de participação de 20%, como decorrência provável do enxugamento do setor, promovido a partir da reforma administrativa de 1991.

Os dados expostos neste artigo dão o impulso inicial para uma investigação mais pormenorizada da estrutura ocupacional vigente no mercado de trabalho metropolitano brasileiro. Evidentemente, continuar essa investigação é essencial para que se possa aprofundar a interpretação dos resultados obtidos até este ponto.

⁷José Pastore e Gilda Gouvêa, *O estudante universitário em São Paulo*. São Paulo: IPE, 1971.

TABELA 1 - Gênero, por Família de Ocupação

Ocupação	Masculino	Feminino	N
8 Empresários da ind de transformação	78.5	21.5	302
9 Empresários da construção civil	95.8	4.2	95
40 Chefes de servs adms empresas	74.7	25.3	640
53 Pagadores e caixas	48.0	52.0	150
54 Almoxtarifos e armazenistas	86.1	13.9	122
55 Expedidores e conferentes	92.1	7.9	89
58 Operadores maqs processam/ dados	59.0	41.0	212
59 Secretárias	4.8	95.2	332
63 Recepcionistas	13.1	86.9	214
101 Engenheiros	90.8	9.2	153
151 Médicos	57.3	42.7	117
162 Enfermeiros não diplomados	12.9	87.1	381
182 Contadores	75.8	24.2	157
233 Advogados	69.2	30.8	185
422 Torneiros mecânicos	99.0	1.0	97
426 Soldadores	96.4	3.6	111
429 Ferreiros, serralheiros	98.7	1.3	149
470 Alfaiates, costureiros	7.1	92.9	549
478 Trabalhadores na fabricação de calçados	47.9	52.1	192
481 Marceneiros	99.5	0.5	196
482 Carpinteiros	99.1	0.9	110
503 Reparadores equipam/eletro-eletrons	100.0	0.0	126
506 Eletricistas de instalações	100.0	0.0	137
514 Pintores e caiadores	100.0	0.0	191
517 Encanadores	100.0	0.0	94
584 Embaladores de mercadorias	54.2	45.8	120
586 Ocupações da ind borracha/plast	74.4	25.6	90
603 Operadores da caixa	19.8	80.2	162
813 Cozinheiros	27.4	72.6	420
814 Garçons	85.7	14.3	119
815 Atendentes bares e lanchonetes	40.0	60.0	245
821 Cabeleireiros	30.7	69.3	199
824 Manicures	1.8	98.2	111
841 Porteiros	90.4	9.6	178
844 Serventes	37.4	62.6	740
845 Contínuos	93.8	6.2	97
924 Trabalhadores braçais	97.0	3.0	405
926 Ocupações cuidados pessoais	28.0	72.0	125
1000 Comerciantes empregadores	74.3	25.7	557
1200 Diretores e chefes setor público	42.3	57.7	194
1300 Administradores empresas inds	76.2	23.8	185
1400 Administradores comércio	72.3	27.7	282
1500 Administradores hotéis e outros serviços	79.7	20.3	138
1700 Assistentes administrativos	33.0	67.0	309
1800 Auxiliares administrativos	46.4	53.6	1146
1900 Analistas e programadores	73.5	26.5	147
2100 Professores 2º grau	37.4	62.6	163
2200 Professores 1º grau	7.2	92.8	569
2600 Mestres, contramestres e tecns	93.0	7.0	187
2700 Mecânicos	99.7	0.3	626
2800 Pedreiros	99.6	0.4	955
2900 Serventes de pedreiro	99.4	0.6	330
3000 Comerciantes conta própria	67.5	32.5	1094
3100 Vendedores	58.9	41.1	958
3200 Feirantes e outros ambulantes	55.0	45.0	755
3300 Representantes de vendas	86.1	13.9	466
3400 Motoristas	99.0	1.0	1279
3500 Trocadores	86.7	13.3	150
3600 Diaristas (serviço doméstico)	3.8	96.2	718
3800 Empregadas domésticas	8.7	91.3	1259
3900 Oficiais Forças armadas	95.1	4.9	349

TABELA 2 - Nível Educacional, por Família de Ocupação (%)

	Analfab	Alfabetizado	Elementar (Primário)	1º Grau (Ginásio)	2o. Grau	Superior e +
8 Empresários ind transformação	0.0	2.4	12.0	18.1	37.4	30.1
9 Empresários construção civil	2.8	2.8	16.7	33.2	2.8	41.7
40 Chefes/encar servs administrativos	0.5	5.1	9.8	20.9	38.3	25.4
53 Pagadores e caixas	0.0	1.9	0.6	10.4	48.8	38.3
54 Almoxeiros e armazenistas	0.0	1.5	12.4	46.7	35.0	4.4
55 Expedidores e conferentes	1.0	12.7	8.8	48.1	26.5	2.9
58 Operadores processam dados	0.0	0.0	2.5	13.8	56.0	27.7
59 Secretárias	0.0	0.0	2.6	9.6	47.9	39.9
63 Recepcionistas	0.0	0.0	5.0	30.1	52.5	12.4
101 Engenheiros	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	100.0
151 Médicos	0.0	0.0	0.0	1.8	1.8	96.4
162 Enfermeiros não diplomados	0.7	1.6	6.9	32.2	50.7	7.9
182 Contadores	0.0	0.0	0.0	2.7	26.1	71.2
233 Advogados e defensores públicos	0.0	0.0	0.0	0.0	2.1	97.9
422 Torneiros mecânicos	0.0	5.7	21.8	41.5	27.6	3.4
426 Soldadores	4.9	12.7	23.5	51.1	7.8	0.0
429 Ferreiros e serralheiros	3.9	7.9	26.0	42.6	16.5	3.1
470 Alfaiates e costureiros	2.7	15.3	28.4	39.6	12.9	1.1
478 Trabs fabricação de calçados	1.6	12.8	11.9	66.7	7.0	0.0
481 Marceneiros	5.9	9.7	26.5	43.9	13.5	0.5
482 Carpinteiros	16.0	22.1	26.0	31.3	3.8	0.8
503 Reparadores equips eletro-eletrônicos	1.8	6.5	18.2	35.3	29.4	8.8
506 Eletricistas de instalações	4.4	14.3	20.9	42.8	14.3	3.3
514 Pintores e caiadores	10.1	18.9	18.2	49.0	3.8	0.0
517 Encanadores	3.1	20.6	30.9	37.2	8.2	0.0
584 Embaladores de mercadorias	4.4	10.6	12.4	59.3	13.3	0.0
586 Trabs ind borracha/plast	3.4	5.1	11.9	67.8	8.5	3.3
603 Operadores da caixa	0.5	0.5	4.2	43.5	46.6	4.7
813 Cozinheiros (excl serv doméstico)	11.4	16.1	25.2	40.4	6.4	0.5
814 Garçons	1.6	4.8	15.2	58.4	18.4	1.6
815 Atendentes de bares e lanchoneles	5.5	8.7	17.0	50.6	16.2	2.0
821 Cabelereiros	1.1	7.4	25.7	36.0	26.9	2.9
824 Manicures	3.4	4.6	17.2	57.6	14.9	2.3
841 Porteiros	9.4	12.5	23.8	44.4	9.4	0.6
844 Serventes	15.7	21.3	21.3	36.1	4.8	0.8
845 Contínuos	1.2	1.2	4.7	44.7	43.5	4.7
924 Trabalhadores braçais	17.8	11.6	14.7	51.1	4.5	0.3
926 Cuidados pessoais	1.8	12.7	5.5	40.0	34.5	5.5
1000 Comerciantes (empregadores)	0.9	5.9	10.0	17.9	39.9	25.5
1200 Diretores, chefes setor público	0.0	0.7	2.6	10.5	22.4	61.8
1300 Administradores industriais	0.0	1.7	4.6	16.6	29.7	46.3
1400 Administradores comércio	0.0	1.3	9.9	24.9	39.5	24.5
1500 Administradores hotéis e outros servs	0.0	0.0	3.5	10.5	31.4	53.5
1700 Assistentes administrativos	1.1	1.4	3.2	8.3	51.4	34.5
1800 Auxiliares de escritório	0.3	0.9	3.9	20.8	49.4	24.7
1900 Analistas e programadores	0.0	0.0	0.9	5.2	18.3	75.6
2100 Professores 2º grau	0.0	0.0	0.8	0.0	6.9	92.3
2200 Professores 1º grau	0.0	0.0	0.7	1.8	43.9	53.6
2600 Mestres, contra mestres e técnicos	6.1	9.6	18.3	19.3	31.0	15.7
2700 Mecânicos	2.7	8.5	16.5	45.6	23.0	3.7
2800 Pedreiros	17.1	26.7	21.0	31.8	3.4	0.0
2900 Serventes de pedreiro	26.8	8.8	5.6	56.4	2.4	0.0
3000 Comerciantes conta própria	4.8	12.1	23.5	25.8	26.7	7.1
3100 Vendedores	1.8	5.1	9.4	43.9	34.1	5.7
3200 Feirantes e outros ambulantes	8.3	11.9	14.4	39.0	22.9	3.5
3300 Representantes de vendas	0.3	1.3	8.3	20.7	43.3	26.1
3400 Motoristas	1.7	13.0	28.1	40.8	15.4	1.0
3500 Trocadores	2.3	7.6	15.9	53.7	20.5	0.0
3600 Diaristas (serviço doméstico)	24.0	23.1	18.2	30.8	3.9	0.0
3800 Empregadas domésticas	19.3	16.1	15.1	44.7	4.6	0.2
3900 Oficiais e praças	0.3	0.8	24.9	54.0	0.0	20.0

TABELA 3 - Estatísticas de Escolaridade, por Família de Ocupação (nº de anos)

	Média	Mediana	Moda	D. Padrão	Variância
8 Empresários da ind transf	10.2	11	11	3.9	15.3
9 Empresários da const civil	7.9	6	4	5.3	28.0
40 Chefes/encar servs administrativos	9.9	11	11	3.9	15.4
53 Pagadores e caixas	11.5	11	11	2.9	8.2
54 Almoxarifes e armazenistas	7.9	8	11	3.3	10.9
55 Expedidores e conferentes	7.5	8	11	3.3	10.9
58 Operadores maqs processam/ dados	10.8	11	11	2.4	5.9
59 Secretárias	11.4	11	11	2.6	6.9
63 Recepcionistas	10.0	11	11	2.9	8.2
101 Engenheiros	15.5	16	16	1.2	1.4
151 Médicos	15.6	16	16	0.7	0.4
162 Enfermeiros não diplomados	9.6	11	11	2.6	7.0
182 Contadores	13.8	15	15	2.0	3.8
233 Advogados e defensores públicos	15.6	16	16	0.7	0.5
422 Torneiros mecânicos	7.2	8	8	2.9	8.2
426 Soldadores	5.3	5	4	2.9	8.2
429 Ferreiros e serralheiros	6.0	5	4	2.8	8.0
470 Alfaiates e costureiros	5.8	5	4	2.9	8.5
478 Trabs fab de calçados	5.0	5	5	1.9	3.8
481 Marceneiros	5.7	5	4	2.8	8.0
482 Carpinteiros	3.5	3	4	2.7	7.1
503 Reparadores equips eletro-eletrônicos	7.7	8	11	3.3	10.8
506 Eletricistas de instalações	6.2	5	4	3.1	9.5
514 Pintores e caiadores	5.0	5	4	2.7	7.1
517 Encanadores	5.2	5	5	2.8	7.6
584 Embaladores de mercadorias	5.7	5	4	3.0	8.7
586 Trabs ind borracha/plast	5.8	5.5	5	2.7	7.2
603 Operadores da caixa	9.0	10	11	2.9	8.5
813 Cozinheiros (exceto serv dom)	5.0	4	4	2.9	8.6
814 Garçons	6.4	6	5	2.8	8.0
815 Atendentes bares e lanchonetes	5.6	5	4	2.9	8.1
821 Cabelereiros	7.0	6	11	3.0	8.8
824 Manicures	6.7	7	8	2.8	7.7
841 Porteiros	5.3	4	4	3.1	9.4
844 Serventes	4.2	4	4	2.8	7.6
845 Contínuos	7.3	7	11	2.9	8.5
924 Trabalhadores braçais	4.0	4	4	2.6	6.0
926 Trabs cuidados pessoais	7.7	8	11	3.8	14.7
1000 Comerciantes (empregadores)	10.0	11	11	4.2	17.3
1200 Diretores, chefes setor publico	12.7	15	15	3.5	12.5
1300 Administradores indústrias	11.8	12	15	3.7	13.5
1400 Administradores comércio	10.0	11	11	3.4	11.8
1500 Administradores hotéis e outros servs	13.0	14.5	15	2.8	7.7
1700 Assistentes administrativos	11.6	11	11	3.1	9.5
1800 Auxiliares de escritório	10.5	11	11	3.0	8.7
1900 Analistas e programadores	13.7	15	15	2.2	4.8
2100 Professores 2º grau	14.7	15	15	1.2	1.4
2200 Professores 1º grau	12.9	13	11	2.1	4.6
2600 Mestres, contramestres e técnicos	8.3	8	11	4.1	17.0
2700 Mecânicos	6.8	6	11	3.2	10.3
2800 Pedreiros	3.8	4	4	2.7	7.4
2900 Serventes de pedreiro	3.6	4	4	2.7	7.0
3000 Comerciantes conta própria	6.6	5	11	4.0	15.6
3100 Vendedores	7.7	8	11	3.3	10.8
3200 Feirantes e outros ambulantes	5.9	5	4	3.7	14.0
3300 Representantes de vendas	10.3	11	11	3.3	11.1
3400 Motoristas	6.2	5	4	3.0	8.9
3500 Trocadores	6.6	7	8	2.6	6.5
3600 Diaristas (serv doméstico)	3.4	4	4	2.7	7.3
3800 Empregadas domésticas	3.9	4	4	2.7	7.2
3900 Oficiais e praças	10.3	11	11	2.8	7.8

TABELA 4 - Posição na Ocupação, por Família de Ocupação (%)

Ocupação	Empregado	Conta Própria	Empregador	Não Remunerado
8 Empresários da ind de transformação	0.7	1.7	97.4	0.3
9 Empresários da construção civil	0.0	4.2	95.8	0.0
40 Chefes de servs adms empresas	99.5	0.0	0.5	0.0
53 Pagadores e caixas	99.3	0.0	0.0	0.7
54 Almojarifes e armazenistas	100.0	0.0	0.0	0.0
55 Expedidores e conferentes	93.3	5.6	0.0	1.1
58 Operadores maqs processam/ dados	95.8	4.2	0.0	0.0
59 Secretárias	97.3	0.6	0.0	2.1
63 Recepcionistas	98.1	1.4	0.0	0.5
101 Engenheiros	80.4	17.6	2.0	0.0
151 Médicos	65.8	22.2	12.0	0.0
162 Enfermeiros não diplomados	98.2	1.8	0.0	0.0
182 Contadores	75.8	17.2	7.0	0.0
233 Advogados	27.6	62.2	9.7	0.5
422 Torneiros mecânicos	93.8	6.2	0.0	0.0
426 Soldadores	95.5	4.5	0.0	0.0
429 Ferreiros, serralheiros	54.4	40.9	4.7	0.0
470 Alfaiates, costureiros	40.1	59.4	0.2	0.4
478 Trabalhadores fabr de calçados	96.4	2.6	0.0	1.0
481 Marceneiros	57.1	42.3	0.5	0.0
482 Carpinteiros	64.5	34.5	0.9	0.0
503 Reparadores equipam/eletro-eletrons	74.6	25.4	0.0	0.0
506 Eletricistas de instalações	48.9	51.1	0.0	0.0
514 Pintores e caiadores	26.7	72.8	0.5	0.0
517 Encanadores	67.0	33.0	0.0	0.0
584 Embaladores de mercadorias	100.0	0.0	0.0	0.0
586 Ocupações da ind borracha/plast	100.0	0.0	0.0	0.0
603 Operadores da caixa	95.7	0.0	0.0	4.3
813 Cozinheiros	88.3	9.8	0.0	1.9
814 Garçons	93.3	5.9	0.0	0.8
815 Atendentes bares e lanchonetes	83.3	1.2	0.0	15.5
821 Cabeleireiros	19.1	79.9	1.0	0.0
824 Manicures	19.8	80.2	0.0	0.0
841 Porteiros	99.4	0.6	0.0	0.0
844 Serventes	96.9	3.1	0.0	0.0
845 Contínuos	100.0	0.0	0.0	0.0
924 Trabalhadores braçais	84.4	15.1	0.0	0.5
926 Ocupações cuidados pessoais	76.0	22.4	0.0	1.6
1000 Comerciantes empregadores	0.0	2.0	97.1	0.9
1200 Diretores e chefes setor público	99.5	0.5	0.0	0.0
1300 Administradores empresas inds	98.4	0.5	0.0	1.1
1400 Administradores comércio	98.2	0.0	0.4	1.4
1500 Administradores hotéis e outros serviços	97.1	2.2	0.7	0.0
1700 Assistentes administrativos	99.7	0.0	0.0	0.3
1800 Auxiliares administrativos	97.6	1.7	0.0	0.7
1900 Analistas e programadores	89.1	10.9	0.0	0.0
2100 Professores 2º grau	98.2	1.8	0.0	0.0
2200 Professores 1º grau	96.0	4.0	0.0	0.0
2600 Mestres, contramestres e tecns	89.8	8.6	1.6	0.0
2700 Mecânicos	66.8	31.8	1.4	0.0
2800 Pedreiros	26.3	73.5	0.2	0.0
2900 Serventes de pedreiro	97.0	2.7	0.0	0.3
3000 Comerciantes conta própria	0.8	97.2	1.6	0.5
3100 Vendedores	91.5	1.8	0.0	6.7
3200 Feirantes e outros ambulantes	6.6	91.0	0.9	1.5
3300 Representantes de vendas	62.7	35.6	1.5	0.2
3400 Motoristas	74.2	25.1	0.5	0.2
3500 Trocadores	100.0	0.0	0.0	0.0
3600 Diaristas (serviço doméstico)	16.0	83.7	0.1	0.1
3800 Empregadas domésticas	98.5	1.2	0.0	0.3
3900 Oficiais e Praças	99.1	0.9	0.0	0.0

TABELA 5 - Carteira Assinada, por Família de Ocupação (%)

Ocupação	Sim	N
8 Emoresários da ind de transformação	0.33	302
9 Empresários da construção civil	0.00	95
40 Chefes de servs adms empresas	91.72	640
53 Pagadores e caixas	89.33	150
54 Almojarifes e armazenistas	90.16	122
55 Expedidores e conferentes	87.64	89
58 Operadores maqs processam/ dados	83.02	212
59 Secretárias	75.60	332
63 Recepcionistas	83.18	214
101 Engenheiros	69.28	153
151 Médicos	34.19	117
162 Enfermeiros não diplomados	67.98	381
182 Contadores	58.60	157
233 Advogados	16.76	185
422 Torneiros mecânicos	84.54	97
426 Soldadores	84.68	111
429 Ferreiros, serralheiros	37.58	149
470 Alfaiates, costureiros	26.41	549
478 Trabalhadores na fabricação de calçados	76.04	192
481 Marceneiros	30.10	196
482 Carpinteiros	50.00	110
503 Reparadores equipam/ eletro-eletrons	65.08	126
506 Eletricistas de instalações	39.42	137
514 Pintores e caiadores	13.61	191
517 Encanadores	55.32	94
584 Embaladores de mercadorias	90.00	120
586 Ocupações da ind borracha/plast	91.11	90
603 Operadores da caixa	85.19	162
813 Cozinheiros	66.90	420
814 Garçons	68.07	119
815 Atendentes bares e lanchonetes	54.29	245
821 Cabeleireiros	5.53	199
824 Manicures	3.60	111
841 Porteiros	88.20	178
844 Serventes	79.73	740
845 Contínuos	77.32	97
924 Trabalhadores braçais	60.99	405
926 Ocupações cuidados pessoais	47.20	125
1000 Comerciantes empregadores	0.00	557
1200 Diretores e chefes setor público	24.23	194
1300 Administradores empresas inds	83.24	185
1400 Administradores comércio	80.50	282
1500 Administradores hotéis e outros serviços	90.58	138
1700 Assistentes administrativos	39.81	309
1800 Auxiliares administrativos	78.88	1146
1900 Analistas e programadores	77.55	147
2100 Professores 2º grau	44.79	163
2200 Professores 1º grau	34.45	569
2600 Mestres, contramestres e tecns	79.14	187
2700 Mecânicos	48.08	626
2800 Pedreiros	16.96	955
2900 Serventes de pedreiro	33.94	330
3000 Comerciantes conta própria	0.37	1094
3100 Vendedores	70.77	958
3200 Feirantes e outros ambulantes	0.40	755
3300 Representantes de vendas	31.76	466
3400 Motoristas	58.17	1279
3500 Trocadores	93.33	150
3600 Dianistas (serviço doméstico)	8.50	718
3800 Empregadas domésticas	50.04	1259
3900 Oficiais e praças	2.87	349

TABELA 6 - Composição da Amostra segundo Posição na Ocupação

Posição na ocupação	Part91(%)	Part96(%)	Crescimento (%)
Empregado	78,0	69,3	-11,2
Conta Própria	18,4	24,8	34,8
Empregador	3,3	4,9	48,5
Não Remunerado*	0,3	0,9	200,0

TABELA 7 - Trânsito entre Posições em 1991-96

Posição 1996\Posição 1991	Empregado	Conta Própria	Empregador	Não Remun
Empregado	92,4	6,6	0,8	0,2
Conta Própria	47,9	48,5	3,3	0,3
Empregador	31,4	33,2	35,1	0,2
Não Remunerado	42,6	40,7	8,3	8,3

TABELA 8 - Empregados com Registro em Carteira, 1991-96

	Empregados com registro em carteira		Crescimento
	1991(%)	1996(%)	(%)
Indústria de Transformação	93,5	84,4	-9.7
Construção Civil	84,0	60,0	-28.6
Comércio	85,0	75,5	-11.2
Serviços	74,7	66,8	-10.6
Outro	44,3	29,7	-33.0
Total	78,1	67,7	-13.3

* Para entender esse resultado, é importante lembrar da mudança de critério adotada na mensuração da PEA, a partir de 1992. Desse momento em diante, passaram a ser classificados como "ocupados" todos os indivíduos que tivessem trabalhado durante a semana da entrevista, ainda que por apenas uma hora. Foram também incluídos na PEA os trabalhadores que naquela semana estiveram ocupados em atividades de autoconstrução e autoconsumo. Essas mudanças afetaram sobretudo o trabalho infantil no meio rural, mas tiveram algum impacto na própria PEA metropolitana, como os dados de nossa pesquisa deixam entrever.

TABELA 9 - Trânsito entre Famílias de Ocupação, 1991-96

	1991	1996	Cresc (%)
8 Empresários da ind transformação	176	304	72.7
9 Empresários da construção civil	36	95	163.9
40 Chefes/encar servs administrativos	686	642	-6.4
53 Paçadores e caixas	173	151	-12.7
54 Almoxarifes e armazenistas	168	122	-27.4
55 Expedidores e conferentes	119	90	-24.4
58 Operadores maqs processam/ dados	188	217	15.4
59 Secretárias	352	334	-5.1
63 Recepcionistas	262	216	-17.6
101 Engenheiros	170	154	-9.4
151 Médicos	116	117	0.9
162 Enfermeiros não diplomados	344	382	11.0
182 Contadores	132	159	20.5
233 Advogados e defensores públicos	152	186	22.4
422 Torneiros mecânicos	103	97	-5.8
426 Soldadores	127	114	-10.2
429 Ferreiros e serralheiros	149	152	2.0
470 Alfaiates e costureiros	562	551	-2.0
478 Trabs fabricação de calçados	277	192	-30.7
481 Marceneiros	206	199	-3.4
482 Carpinteiros	147	110	-25.2
503 Reparadores equips eletro-eletrônicos	213	129	-39.4
506 Eletricistas de instalações	108	138	27.8
514 Pintores e caiadores	186	194	4.3
517 Encanadores	111	97	-12.6
584 Embaladores de mercadorias	145	120	-17.2
586 Trabs ind borracha/plast	75	90	20.0
603 Operadores da caixa	206	162	-21.4
813 Cozinheiros (excl serv doméstico)	442	420	-5.0
814 Garçons	139	119	-14.4
815 Atendentes de bares e lanchonetes	246	296	20.3
821 Cabelereiros	184	199	8.2
824 Manicures	96	113	17.7
841 Porteiros	171	179	4.7
844 Serventes	750	749	-0.1
845 Contínuos	211	98	-53.6
924 Trabalhadores braçais	432	799	85.0
926 Cuidados pessoais	77	130	68.8
1000 Comerciantes (empregadores)	364	560	53.8
1200 Diretores, chefes setor público	188	195	3.7
1300 Administradores industriais	196	188	-4.1
1400 Administradores comércio	275	284	3.3
1500 Administradores hotéis e outros serviços	106	139	31.1
1700 Assistentes administrativos	325	309	-4.9
1800 Auxiliares de escritório	1248	1152	-7.7
1900 Analistas e programadores	137	147	7.3
2100 Professores 2º grau	160	164	2.5
2200 Professores 1º grau	633	570	-10.0
2600 Mestres, contra mestres e técnicos	235	187	-20.4
2700 Mecânicos	688	631	-8.3
2800 Pedreiros	759	962	26.7
2900 Serventes de pedreiro	343	333	-2.9
3000 Comerciantes conta própria	841	1102	31.0
3100 Vendedores	1077	961	-10.8
3200 Feirantes e outros ambulantes	531	626	17.9
3300 Representantes de vendas	343	469	36.7
3400 Motoristas	1186	1288	8.6
3500 Trocadores	153	151	-1.3
3600 Dianistas (serviço doméstico)	494	724	46.6
3800 Empregadas domésticas	1300	1266	-2.6
3900 Oficiais e praças	410	350	-14.6